XXI FAC-FEA LIVRE
Semana Acadêmica Cultural e XVII Encontro de iniciação Científica da FAC-FEA

INCOMPLETUDE DEMOCRÁTICA: desigualdade e desinformação, o avesso da cidadania

Amanda Gabriele Gobbo KUHN
Egressa do Curso de Psicologia da FAC-FEA/2024
amanda.gabriele.gobbo.kuhn@feata.edu.br

Emerson Rogério de SOUZA
Faculdade Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: emerson.souza@feata.edu.br

Emilly dos Santos Fernandes ROCHA
Egressa do Curso de Psicologia da FAC-FEA/2021
emilly.rocha@feata.edu.br

Vera Maria Neves SMOLENTZOV
Faculdade Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: **veramaria@feata.edu.br**

Eixo: Ciências Humanas e Sociais

RESUMO
O título do trabalho "Incompletude democrática: desigualdade e desinformação, o avesso da cidadania" nos remete à análise e intensa conexão de que a informação ou a desinformação, também chamada fake News, fenômeno atual de graves repercussões sociopolíticas e culturais e enorme impacto no mundo contemporâneo globalizado, tomado por uma poderosa indústria da mídia e redes sociais, fartamente estudado pelo mundo acadêmico, debatido pela sociedade civil, ainda não regulamentado pelo sistema jurídico-político brasileiro e responsável por crimes contra todos os setores da sociedade mundial. Tratado de forma superficial, inadequada e irresponsável por governantes e tomadores de decisão, garantido pelos mais poderosos lobbies internacionais, esta indústria da (des)informação tem tido forte impacto nas eleições de vários países, além de transformar apoios, campanhas políticas e abalar as democracias e instituições sociopolíticas no mundo inteiro. A revisão bibliográfica deste estudo foi baseada em autores clássicos, contemporâneos e laboratórios de pesquisas da área acadêmica da USP e da UFRJ que fazem importante reflexão crítica sobre o assunto, destacando as implicações democráticas na participação social e as possibilidades de escolhas autoritárias na mídia e nas redes sociais, indiferença em relação à vulnerabilidade da população, perpetuando um ciclo de violência estrutural num país muito desigual, hierarquizado e tomado pela poderosa indústria global da propaganda e (des)informação.

Palavras-chave: incompletude democrática; desigualdade; (des)informação.

1 INTRODUÇÃO

Em seu novo livro recém lançado, A razão desumana (2025), o prof. Eugenio Bucci investiga como a "cultura contemporânea tem sido moldada por um tipo de lógica desumanizada que substitui o pensamento crítico pela desinformação, pela lógica

desumanizada que se infiltra na comunicação, na mídia e na vida cotidiana, substituindo o pensamento crítico pela desinformação sedutora", analisando o mal-estar do jornalismo, a inteligência artificial, a transformação da cultura em espetáculo e propondo um diagnóstico inquietante da era digital e suas armadilhas ideológicas.

Este fenômeno do grande avanço técnico, tecnológico e racional da humanidade, sem uma reflexão humana, teórica e crítica, desembocando na barbárie, resultou no que os frankfurtianos chamaram de Razão Instrumental, a plena utilização técnica da razão sem reflexão prévia, fazendo da capacidade racional um mero instrumento para render lucros, manter a ordem econômica capitalista e a ideologia de que a sociedade está avançando, tendo como forte aliado a mídia para a ampliação do público e acesso à grande massa da população. Ocorrido no início do séc. XX com os grandes movimentos de massa, o nazifascismo pode ser percebido na atualidade com o avanço da indústria multinacional da comunicação, propaganda e da (des)informação ao criar conteúdo facilmente absorvido por essa massa e a mantendo satisfeita com essa nova forma de lazer, capaz de mantê-la motivada para trabalhar e não pensar em se rebelar contra o sistema, surgindo o que se convencionou chamar de indústria cultural ao tratar os espectadores como massa, anulando sua individualidade, supondo que todos são iguais, querem a mesma coisa, nivelando por baixo as diferentes camadas intelectuais e se utilizando dos canais de comunicação e dos programas oferecidos para passar adiante a ideologia dominante e manter as pessoas crentes e satisfeitas com a situação política e econômica em que vivem, sem se rebelar contra o sistema, perdendo toda a crítica.Para Adorno a cultura da sociedade capitalista impõe um mecanismo de construção da heteronomia: sujeição do indivíduo à vontade de terceiros, fazendo o homem ser igual ao coletivo, perdendo sua individualidade e crítica pela dominação e difusão dessa cultura de subserviência e submissão.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho, resultado dos estudos do Grupo de Pesquisa "Violência e crime: complacência e intolerância no contexto social brasileiro. A incompletude democrática: desigualdade socioambiental, desinformação e censura como avesso da cidadania",integra o Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Faculdade Fundação Educacional Araçatuba, FAC-FEA, em que participam alunos e egressos dos cursos da instituição e tem na Sociologia sua vertente acadêmica principal, sobretudo nas implicações e conexões com a desigualdade socioambiental, complacência e intolerância garantidos pela poderosa indústria da

(des)informação, protagonistas da incompletude democrática no contexto atual político brasileiro.

A revisão bibliográfica garantida por autores que trataram do assunto como os clássicos da Escola de Frankfurt, Alemanha, como Adorno e Horkheimer, críticos contundentes do nazifascismo, da indústria cultural, da instrumentalização do conhecimento e da razão instrumental, sem crítica prévia e alienação da população, fazendo o homem ser igual ao coletivo, submisso e subserviente, perpetuando um ciclo de violência estrutural num país muito desigual, hierarquizado e tomado pela poderosa indústria global da propaganda e (des)informação. A bibliografia mais atualizada, baseada em autores e laboratórios de pesquisas da área acadêmica da USP e da UFRJ que fazem importante reflexão crítica sobre o assunto, destacando as implicações democráticas na participação social e as possibilidades de escolhas autoritárias na mídia e nas redes sociais, indiferença em relação à vulnerabilidade da população, controle dos meios de comunicação de massa, divulgação de suas ideias/ideologias, falsas informações, instabilizando as democracias e suas instituições nacionais e mundiais.

3 INCOMPLETUDE DEMOCRÁTICA E DESINFORMAÇÕES

O Laboratório de Pesquisa, NetLab/UFRJ [1] propõe diversas linhas de pesquisa com o intuito de melhor tratar academicamente o assunto da comunicação, propaganda e informação, hoje imprescindível para se analisar e compreender a sociedade contemporânea e suas repercussões socioambientais, políticas, econômicas e culturais nacionais e internacionais. Para tratar da indústria da desinformação o NatLab propõe a linha de pesquisa que trata mais especificamente sobre o assunto [2]

> a internet completou 30 anos em 2019 e, desde sua invenção, a vida em sociedade mudou em muitos aspectos. A Web possibilitou a aproximação entre pessoas, expandiu o acesso ao conhecimento em uma escala sem precedentes e diminuiu as barreiras de comunicação entre bilhões de pessoas em todo o mundo. Essas características nos levaram a pensar a internet como um espaço de liberdade e como uma tecnologia revolucionária. Entretanto, “estar online” não significa apenas usufruir

[1] Laboratório de pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, grupo acadêmico formado por equipe multidisciplinar com colaboradores de diferentes áreas como Ciência da Informação, Comunicação, Sociologia, Ciências Políticas, Engenharia, Ciência de Dados e Computação, entre graduandos, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e professores para produzir evidências empíricas com impacto social, a fim de ampliar o conhecimento científico, qualificar o debate público, além de embasar o desenvolvimento e a governança de novas tecnologias diante das estratégias contemporâneas de manipulação da mídia no Brasil e diversos tipos de crimes e manipulações. In: https://netlab.eco.ufrj.br/sobre

[2] In: https://netlab.eco.ufrj.br/post/a-ind%C3%BAstria-da-desinforma%C3%A7%C3%A3o-fabrica-de-mentiras-ad-techs-e-as-novas-formas-de-resist%C3%AAncia

> do potencial da tecnologia para encurtar o tempo, o espaço e ao acesso à informação, mas também encarar seus efeitos nocivos, - como é o caso das chamadas "fakes news". Atualmente, as campanhas de desinformação desafiam todas as instituições políticas e sociais no mundo, e nenhum país está imune. A desinformação tem sido usada como estratégia, não só no contexto de eleições, mas como ferramenta de governança, em "operações de influência" e como estratégia de propaganda em massa.

Numa outra, sobre a Economia Política, o mesmo laboratório de pesquisa da UFRJ atesta que

> a desinformação e a propaganda podem ser compreendidas como atividades econômicas associadas à chamada indústria da influência.O ecossistema de desinformação online depende da precariedade nas condições de produção e regulação da comunicação digital, já que o funcionamento dos sistemas de recomendação e distribuição de conteúdo nas plataformas digitais não apenas permite, como também promove e monetiza conteúdos criminosos de vários tipos, desde que gerem audiência e interações. A falta de mecanismos eficazes na proteção dos usuários faz dessas plataformas ambientes propícios, muitas vezes com incentivos financeiros, para apromoção de golpes, fraudes e diversos tipos de crimes e manipulações.

E em sua linha de pesquisa sobre Política e Desinformação [3] o NetLab demonstra que

> a desinformação abarca informações falsas, rumores, informações com enquadramento sensacionalista e/ou distorcido e teorias da conspiração que possuem o intuito de influenciar negativamente a opinião pública. Portanto, compreender essas estratégias requer o conhecimento sobre o funcionamento do ecossistema de mídia por trás da disseminação de conteúdo nocivo, composto por meios de comunicação de grande porte, mídia alternativa, mídia hiper partidária, portais de junknews, anúncios online, plataformas de mídia social e chat apps.Utilizando plataformas online que a sociedade não consegue auditar, diferentes campanhas usufruem de novas tecnologias para impulsionar narrativas e influenciar a opinião pública, a ação coletiva e as políticas governamentais. Dessa forma, as características e particularidades de cada plataforma também são fatores relevantes para compreender os objetivos políticos, sociais e econômicos dessas operações de influência. Nas diferentes mídias sociais, trolls, bots, perfis falsos, usuários anônimos e influenciadores se destacam na produção e compartilhamento de informações tendenciosas que beneficiam determinados interesses financeiros e políticos. Nessa linha de pesquisa realizamos análises multiplataforma sobre estratégias de comunicação e desinformação em contextos como crises políticas, ataques às instituições democráticas e tentativas de deslegitimação da mídia tradicional. O NetLab tem uma agenda para o diagnóstico desse fenômeno informacional e suas consequências sociais e políticas no Brasil, visto que um ambiente de informação problemático pode ameaçar a segurança pública, fraturar a coesão social, reduzir a confiança nas instituições e ameaçar o Estado Democrático de Direito.

Um dos principais pensadores da comunicação no Brasil, Eugênio Bucci em seu livro, Incerteza, um Ensaio - Como Pensamos a Ideia que nos Desorienta (e Orienta o Mundo

[3] In: https://netlab.eco.ufrj.br/pol%C3%ADtica-e-desinforma%C3%A7%C3%A3o

Digital), premiado com o prêmio Jabuti de 2024 e aqui tratado na entrevista a Rodrigo Lopes[4], em que são feitos comentários sobre Vladimir Safatle, apresentador do livro, e Iuval Harari que liderou abaixo assinado transnacional, pedindo uma trégua de seis meses nas pesquisas sobre inteligência artificial no modelo da União Europeia que inspirou o PL 2630 das fake News que pretende regulamentar as redes sociais em discussão no Brasil, em que Bucci analisa pontos positivos e fragilidades desse projeto de lei e lança algumas reflexões sobre o futuro do jornalismo. Faz uma profunda análise sobre o mecanismo de funcionamento das plataformas digitais, inteligência artificial e a tecnologia nos tempos atuais, onde se dedica a recuperar a Teoria Matemática das Comunicações para explicar como algo que, filosoficamente, é inerente ao ser humano, a incerteza sobre o futuro, tornou-se matéria-prima explorada pelos algoritmos, que sabem muito mais sobre nós, do que nós mesmos, e analisa o papel das big techsno capitalismo. Partindo do tema geral da incerteza para explicar o mundo digital, recorrente nas pesquisas do autor sobre o imaginário, o sujeito, o espetáculo, a comunicação, ele percebeu que,

> justamente a ideia que nos desorienta, que é a incerteza, é a que dá o parâmetro das redes, da internet, dos algoritmos. Ou seja, a sensação de incerteza que às vezes nos confunde é a matéria-prima para o mundo digital. O sujeito humano, diante de uma incerteza, tem a necessidade racional de parar para pensar. Ou, em outra perspectiva, quer apostar, correr risco, pagar para ver. Mas o mundo digital se estruturou a partir do cálculo das probabilidades da forma que a matemática e a engenharia encontraram para calcular o incerto. E foi isso que começou a viabilizar a construção dessas máquinas.

E continua, ao ser questionado sobre a necessidade de voltar às bases teóricas, declara que isto foi essencial, pois,

> quando comecei a pensar, quis entender a gênese do pensamento matemático sobre a incerteza.Passei pela termodinâmica, pela noção de entropia. Voltei ao princípio da incerteza do Eisenberg. Eu queria entender como isso avançou, ganhou consistência teórica e, enfim, viabilizou a cibernética. Senti necessidade de fazer uma recapitulação, como uma árvore genealógica de uma ideia. E me parece fascinante: aquilo que, do ponto de vista existencial, nos traz exasperação, no mundo digital traz solução.

Vladimir Safatle, na apresentação do livro, observa que o capital parece saber sobre nós mais do que nós mesmos. E, como operários digitais, trabalhamos sem perceber. Para Bucci, a ignorância é imposta, pois estamos submersos em um mar que fabrica desinformação

---

[4] *In*: https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2023/06/eugenio-bucci-estamos-submersos-em-um-mar-que-fabrica-desinformacao-e-ignorancia-clivtfybv004n01514tqwq53b.html. Zero Hora Notícias. Acesso em 29/06/2025.

e ignorância. O mundo digital, especialmente o algoritmo, para nós, é uma parede opaca. Nós, usuários, não sabemos o que se passa lá dentro.

> Existe então essa assimetria entre o que se sabe dentro de uma big tech sobre os consumidores e o que os consumidores conseguem saber que se passa dentro das big techs. Esse poder tecnológico está protegido por uma opacidade imposta. Ou seja, existe uma ignorância sobre ele e uma desinformação sobre ele. Logo, não se trata de uma ingenuidade das pessoas, mas de um bloqueio de acesso à informação. Não conhecemos como funciona exatamente o algoritmo. Isso vem sendo debatido no mundo democrático aos poucos. Depois que o livro chegou da gráfica, a Meta *(dona do Facebook)* foi multada em 1,2 bilhão de euros porque estava fazendo uma transfusão de dados pessoais de seus usuários na Europa para os bancos de dados da empresa nos EUA. Ora, isso não era sabido. Não sabemos o que se passa dentro desses bunkers, que são as big techs, assim como não sabemos como funcionam os algoritmos e o que é feito dos dados extraídos de nós, quanto dinheiro geram, para quem são vendidos, que tipo de estratégias políticas e comerciais vão abastecer. Como seres humanos, somos vítimas dessa incerteza. Ao mesmo tempo, as máquinas e os controladores delas, que são as big techs, que é o capital, quase não têm incertezas sobre nós. É possível que esses bancos de dados saibam exatamente com que idade eu vá desenvolver uma enfermidade qualquer. E eu não sei. As big techs, ou seja, o capital, sabe mais de nós do que sabemos dele. A tecnologia e o capital estão no mesmo terreno.

Bucci aceita que existe esperança em se virar o jogo ao se trabalhar com a transparência, no seu livro, há uma ilustração: uma mão humana segurando o fio de uma pipa, que voa no céu. E vem a legenda: “Fio de esperança”. Existe esperança. Essa possibilidade nos remete ao embate entre a democracia e o poder incomensurável das big techs:

> Se a democracia conseguir regular a exploração dessas tecnologias, haverá esperança. Se a democracia for capaz de ter marcos legais para prevenir e minimizar os males da desinformação, a gente avança. Se conseguirem regular as pesquisas sobre inteligência artificial, se for possível quebrar a opacidade das big techs, fazer com que os dados que elas extraem sejam conhecidos, fazer com que o modo como elas manuseiam e comercializam esses dados seja do nosso conhecimento, a gente vai avançar.

Mas, ele tem um diagnóstico pessimista, pois as relações de propriedade que amordaçam a tecnologia e que a tornaram um privilégio e não um ativo de toda a sociedade trouxeram mais notícias ruins do que boasno desenvolvimento hiper acelerado dessas tecnologias:

> Mas a responsabilidade disso não é das tecnologias, ela está nas relações de propriedade e controle que um capital muito concentrado consegue exercer sobre tudo isso. Logo, não sou pessimista sobre a tecnologia, até sou um entusiasta das possibilidades da tecnologia, mas sou pessimista sobre a forma como se dá o controle da tecnologia e a forma como se deu a apropriação do desenvolvimento da tecnologia. São muito poucos esses donos. Eles estão nesses mega conglomerados monopolistas, como Amazon, Meta, Google. Suas pesquisas são desenvolvidas por empresas de muita inovação, como a do atual dono do Twitter, Elon Musk, que tem a Tesla, que

> investe muito em tecnologia. Esses grupos são donos do destino da tecnologia e do uso da tecnologia pela sociedade. Algo está invertido aí. Se a comunicação entre as pessoas depende dessas tecnologias que são fechadas, opacas, algo vai dar errado. É necessário que a sociedade exerça alguma forma de fiscalização sobre isso. Estamos falando aqui de **regulação de mercados. Todos os mercados, nas sociedades contemporâneas, são regidos por algum marco legal. Por que só o mundo da internet poderia existir para além da lei democrática?** (Grifos nossos).

E, sobre a avaliação do autor sobre a regulação das big techs,PL 2630, das fake news, em discussão no Brasil,inspirado no modelo mais bem acabado, o da União Europeia, cujo lobby foi tão forte que se utilizou de desinformação para entravar a votação na Câmara dos Deputados, o autor claramente se posiciona, lembrando do que acontece no Brasil com a comunicação:

> Os meios de comunicação, nos países democráticos, ficam a cargo de empresas daquele país. Porque, por meio da comunicação social, vamos formando a opinião pública e vão sendo travados os debates que dizem respeito ao presente e ao futuro do país. É pelo debate público que se amadurecem preferências eleitorais, que as pessoas se informam sobre esse ou aquele caminho para questões estratégicas, de diversos setores na economia ou na vida social. Portanto, é natural que as legislações de todas as democracias confiem para as pessoas daquela nacionalidade o controle de empresas que atuam sobre a comunicação social. Você não veria o New York Times organizando um debate entre os candidatos da presidência da França. Qualquer coisa fora disso é uma intromissão indevida, fere a lei dessas democracias e a ética da convivência entre as nações. Uma nação não pode interferir sobre os rumos de outra. O que ocorreu sobre o debate do PL 2630? Esse debate foi influenciado pela ação de empresas estrangeiras no Brasil. Elas opinaram – e no caso do Google opinaram explicitamente – sobre uma decisão que cabe aos brasileiros tomar. Os cidadãos de outra nacionalidade não podem eleger deputados no Brasil e não podem, portanto, tomar parte em uma decisão que diz respeito à soberania do Brasil. Isso marca uma mudança de qualidade na agressividade com que esses conglomerados defendem seus interesses em detrimento de decisões soberanas de uma nação. Eu achei muito sério. Do ponto de vista legal, há margem para que a gente conteste essa conduta do Google. Mas estou tratando do ponto de vista ético: uma empresa de fora do Brasil não deveria se sentir à vontade para tentar influenciar uma decisão soberana desse país. E fica a pergunta: o que vai acontecer agora em uma eleição presidencial no Brasil? O Google vai defender um candidato?

A acirradíssima discussão contemporânea sobre a relação dos espaços públicos e privados na sociologia envolve a análise das diferentes esferas da vida social e suas interações, em que o público, tradicionalmente associado ao espaço da política e da coletividade, contrasta com o privado, ligado à esfera doméstica e individual. No entanto, a compreensão dessa relação é complexa e tem sido objeto de diversas interpretações sociológicas, especialmente entre os cientistas ligados à Escola de Frankfurt, com destaque para as obras de Hannah Arendt e Jürgen Habermas, que exploram a importância da esfera pública como espaço de deliberação e formação da opinião pública. Ou mesmo a obra

coletânea organizada pelo prof. Bresser Pereira [5] que discute esta intensa relação entre diversos autores como sendo o espaço público e coletivo, pertencente ao Estado ou não, e do privado, do interesse de grupo(s) e de indivíduo(s). Também o prof. Bucci dá sua contribuição ao debate, em relação às redes sociais, quando fala que os meios de comunicação de massa e os mais regionais compunham uma grande arena, que a gente pode chamar da ágora da modernidade. As plataformas deslocaram essa ágora para o chamado ciberespaço. E aí se deu exatamente isso: a praça pública passou a ter um dono.

> Em texto recente, o dono da Meta, Mark Zuckerberg, comparou o Facebook a uma praça pública. Ele disse que a ideia do Facebook era que fosse uma grande praça, em que as pessoas pudessem se encontrar, falar dos assuntos de que gostam, trocar opiniões, fotografias. Essa metáfora em parte procede, mas, em outra parte, é um absurdo. Sim, as redes sociais que se formam nessas plataformas promovem essa função de praça pública. Pública porque qualquer um pode chegar, o acesso é relativamente aberto, e ali se pode falar de tudo o que interessa àquele público. Mas, ora, se a praça tem um dono, ela não é pública, ela não pertence ao público. O público que se reúne lá tem de se comportar segundo parâmetros que são estabelecidos pelo dono – e não pelo público.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E, para finalizar como prof. Eugenio Bucci, aqui fartamente citado em relação às redes sociais e seu impacto na sociedade brasileira "as regras de convivência e os protocolos da comunicação deixam claro que isso de ser público é um absurdo. O funcionamento do algoritmo não é público. Então, como aquele espaço pode ser público? Isso é parte do que temos a resolver: tornar públicos esses espaços ocupados pelo público" e que precisam ser garantidos pela Democracia e pelo Estado de Direito. A mesma Democracia celebrizada na frase de W. Churchill[6]"de que ela é a pior forma de governo imaginável, à exceção de todas as outras que foram experimentadas de tempos em tempos", com todas as suas dificuldades e imperfeições, mas destacando também sua superioridade em relação a todas as outras opções políticas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

[5]Coletânea organizada por ele e NuriaCunill Grau, O público não-estatal na reforma do Estado, São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.
[6]Frase proferida em um discurso na Câmara dos Comuns do Reino Unido em 11 de novembro de 1947.

BUCCI, Eugenio. **Incerteza, um ensaio**: como pensamos a ideia que nos desorienta (e orienta o mundo digital). São Paulo: Autêntica, 2023.

BUCCI, Eugenio. **A razão desumana**: cultura e informação na era da desinformação inculta (e sedutora). São Paulo: Autêntica, junho, 2025.

NETLAB UFRJ. **Meio ambiente e desinformação**. [*S.l.*], [*s.d.*]. Disponível em: https://netlab.eco.ufrj.br/meio-ambiente. Acesso em: 20 nov. 2024.

NETLAB UFRJ. **Política e desinformação**. [*S.l.*], [*s.d.*]. Disponível em: https://netlab.eco.ufrj.br/pol%C3%ADtica-e-desinforma%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 20 nov. 2024.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. A incompletude da democracia no Brasil e o retrocesso dos direitos humanos. **NEV**. São Paulo, 2020. Disponível em: https://nev.prp.usp.br/publicacao/a-incompletude-da-democracia-no-brasil-e-o-retrocesso-dos-direitos-humanos/. Acesso em: 1 set. 2024.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2021/2022:** tempos incertos, vidas inquietas: Moldar o nosso futuro num mundo em transformação. New York, 2022. Disponível em: https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/2023-05/hdr2021-22ptpdf.pdf. Acesso em: 19 maio 2025.

SAFATLE, Vladimir. “Não é possível perder algo que nunca tivemos: a democracia”. [Entrevista concedida a Isabella Fiuza]. **Jornalistas Livres**, 17 out. 2019.

SANTINI, R. Marie. A indústria da desinformação: fábrica de mentiras, ad-techs e as novas formas de resistência. *In:* Nair Prata; Sônia Caldas Pessoa; Ivanise Hilbig de Andrade (org.). **Um mundo e muitas vozes**: da utopia à distopia? São Paulo: Intercom, 2021, v. 1, p. 122-138.